

**ENTREVISTA / Roberto Mangabeira Unger**

## **‘Goiás é laboratório de mudança nacional’**

***Carlos Eduardo Reche - de Brasília***

**Weimer Carvalho**



De crítico a entusiasta e colaborador do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o filósofo Roberto Mangabeira Unger, nomeado no dia 4 ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos da Presidência defende uma mudança profunda no sistema de ensino e de produção do País. Em entrevista exclusiva ao POPULAR, concedida no gabinete improvisado no 15º andar do prédio-sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Mangabeira Unger disse que esse novo modelo tem de estar “baseado na ampliação das oportunidades econômicas e educativas e em participação popular”.

Segundo o ministro, o Centro-Oeste e Goiás são o berço propulsor dessas mudanças, que passam, necessariamente, pela valorização das pequenas e médias empresas e da pequena agricultura e pela independência do trabalhador. “Esse drama de imensa dimensão humana está representado de forma mais transparente em Goiás. Vejo ali um laboratório onde estão expostas nossas aspirações e frustrações. O que Goiás quer agora todo o Brasil quer: oportunidade, não caridade”, diz. A convite do vereador Rusembergue Barbosa (PRB), o ministro abre hoje, em Goiânia, na Câmara, o 1º Simpósio sobre Planejamento Estratégico na Região Metropolitana. Leia nesta página os principais temas da entrevista.

### **Crescimento econômico**

A tarefa para a qual fui convocado pelo presidente Lula é ajudar a formular e a discutir as diretrizes que orientem o desenvolvimento nacional. Um modelo baseado na ampliação das oportunidades econômicas e educativas e em participação popular. O Brasil tradicionalmente crescia em setores favorecidos, avançados e internacionalizados de sua economia. Os governos esperavam que esse crescimento gerasse excedente econômico e que parcela desse excedente pudesse ser redistribuído à grande maioria excluída, por meio de políticas sociais compensatórias. O País não quer mais esse estilo, que além de não atender às reivindicações sociais do povo brasileiro, acabou por comprometer o próprio crescimento.

### **Ensino**

Agora o país quer muito mais, quer que, em especial, não dependa apenas das políticas sociais, mas que o social seja radicado no próprio modelo econômico. Vou começar a anunciar uma série de iniciativas em colaboração com os ministros. Uma das iniciativas propõe criar nova rede de escolas médias federais, como cunha para a reforma nos métodos do ensino brasileiro. Precisamos passar de um ensino enciclopédico, para um ensino analítico e capacitador. O ensino técnico-profissional será um aspecto dessa orientação. As formas de produção no mundo cada vez mais exigem capacitações genéricas.

### **Política industrial**

O modelo de política industrial tradicional é voltado para grandes empresas, usando os métodos do perdão fiscal e do crédito subsidiado, e, portanto, do investimento público a fundo perdido. O que precisamos é de uma política industrial voltada para o mundo das pequenas e médias empresas, que são a verdadeira força da economia brasileira, portanto a multidão de investimentos emergentes, onde está a vasta maioria dos trabalhadores. O Estado precisa estabelecer com essa multidão uma coordenação estratégica descentralizada e experimentalista e, ao mesmo tempo, estimular, entre esses empreendedores, relações de concorrência cooperativa, dentro de determinados setores, mas ao mesmo tempo cooperar.

### **Política agrícola**

O método dessa nova política fiscal não seria o perdão fiscal e o crédito subsidiado, seria o compromisso de abrir acesso ao crédito e à tecnologia e disseminar experimentos locais. Essa orientação na política industrial tem uma aplicação até mais direta na política agrícola. Estamos acostumados, no Brasil, a imaginar a agricultura como uma espécie de exceção, mas é uma vanguarda. A organização do Estado brasileiro numa agricultura moderna, porém familiar, pode servir com ponta avançada da nova orientação de política industrial.

### **Amazônia**

O terceiro exemplo tem a ver com a Amazônia. Nós já nos conscientizamos no Brasil da importância da causa ambiental e da preservação da floresta, mas as idéias econômicas dominantes a respeito do futuro da Amazônia ainda são muito simplistas. Precisamos fundar a transformação da Amazônia num grande projeto de zoneamento econômico-ecológico e propor estratégias produzidas endereçadas para as diferentes regiões da Amazônia. Para isso, precisamos ter quadros extremamente qualificados que se proponham a morar fora das grandes cidades.

### **Salário do trabalhador**

Precisamos formular um novo projeto de relação entre trabalho e capital no Brasil. Essa discussão tem três temas: o fim da informalidade, a reversão da queda da participação dos salários na renda nacional e uma modificação do regime sindical que assegure a independência dos trabalhadores.

### **Novo conflito ideológico**

O conflito ideológico tradicional era um conflito entre Estado e mercado, estatismo e privatismo. Não é por aí agora. O debate é sobre as formas alternativas da organização de mercado e da sociedade civil com a política democrática. Democracia, sim, mas de que tipo? Precisamos democratizar o mercado e aperfeiçoar a democracia. A tarefa mais importante não é compensar as desigualdades de mercado, é reimaginar e reorganizar o mercado. Para isso, o Brasil precisa acreditar em sua própria originalidade criativa. Esse é o impulso profundo do brasileiro, que bate de frente com os quadros endinheirados do país.

### **Centro-Oeste**

Ao avançar para o Centro-Oeste do País, o Estado brasileiro empreendeu grandes obras de infra-estrutura de energia e de transportes que abriram o centro do País para imigrantes que fugiram do litoral, dominado pelos graúdos, para estabelecer uma sociedade aberta para os pequenos. Esses investimentos deram chance para essa sociedade mais aberta e menos oligárquica. Mas teria de haver a etapa em que o Estado desse as mãos ao pequeno produtor para ajudar a construir um modelo econômico calcado pela coordenação estratégica entre governo e pequeno. Essa segunda etapa nunca chega. Agora é hora.

### **Espírito de resistência**

No Centro-Oeste temos um conjunto de iniciativas não apenas econômicas, mas também sociais e culturais, de um Brasil que quase milagrosamente resiste a essas forças concentradoras. É uma sociedade caracterizada por uma cultura de auto-ajuda e livre iniciativa em que o espírito da iniciativa se reconcilia com o associativismo. Essa sociedade se afirmou praticamente sem o apoio do Estado, contra a lógica dominante. Isso que ocorreu no Centro-Oeste, em Goiás, que é o coração do Brasil, é a ponta avançada do que está ocorrendo em todo o Brasil.

### **Nova classe média**

Em todo Brasil o acontecimento social mais marcante é o surgimento de uma nova classe média vinda de baixo, morena, que estuda à noite, que luta para abrir pequenos negócios ou para produzir dentro de grandes organizações, que desenvolve novos bairros e que sobretudo constrói uma nova cultura de auto-ajuda e iniciativa. Essa vanguarda de batalhadores e de emergentes já está no auto-controle do imaginário popular. Para a maioria da nossa Nação, representa a vanguarda que a maioria quer seguir e não tem como seguir.

### **Goiás como laboratório**

A grande revolução brasileira hoje seria o Estado usar os seus poderes e recursos para ajudar a maioria a seguir o caminho dessa vanguarda. Esse drama de imensa dimensão humana está representado de forma mais transparente no Estado de Goiás. Vejo ali um laboratório da Nação, onde estão expostas as nossas aspirações e as nossas frustrações nacionais. O que Goiás quer agora todo o Brasil quer. Esses brasileiros não querem caridade, querem oportunidade.

### **Biocombustíveis**

As grandes fases do desenvolvimento brasileiro foram marcadas por grandes investimentos públicos em transporte e energia e, assim, mais uma vez ocorre com o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Mas essa primeira etapa da ação do Estado tem de ser sempre complementada pela organização institucional das oportunidades. Um exemplo são os biocombustíveis. A produção do biodiesel não é apenas iniciativa econômica, é iniciativa social, que permite que o pequeno produtor participe diretamente do mercado mundial. Isso tem um significado social potencialmente revolucionário.

### **Tragédia nacional**

Não se trata apenas de criar um mercado de consumo em massa, trata-se de criar um modelo institucional de acessos ampliados às oportunidades para produzir e aprender. Botar o Brasil para trabalhar, produzir e aprender é o verdadeiro desafio. Nossa tragédia nacional é que somos um caldeirão de energias, mas andamos com um camisa-de-força que nos esgota e asfixia. Nós nos acostumamos a seguir um formulário que nos foi enviado de fora. Os países que têm mais avançado são aqueles que se abriram para o mercado, mas que rejeitaram formulários, inovaram na maneira de organizar o mercado.

### **Relação com Lula**

O presidente está apoiando com entusiasmo o meu trabalho. Como todos sabem, fui um crítico severo do governo Lula no seu primeiro mandato e, portanto, não foi fácil para o presidente convidar-me para assumir essa tarefa e não foi fácil para mim aceitar. Para ele e para mim o que prevaleceu no final foi a convicção da importância dessa tarefa. Agora estamos voltados para o futuro e não para o passado.

### **Extinção do cargo**

Prefiro não comentar o episódio da Medida Provisória (que criou a Secretaria de Planejamento de Longo Prazo para abrigar Mangabeira, depois extinta pelo Senado), a não ser dizer que não sinto constrangimento algum. Estou desempenhando uma tarefa que é a mais nobre e a mais alta que pode existir. Buscarei aliados e interlocutores em todas as forças do governo e de oposição e só não falarei com quem se recusa a falar comigo.